

A Criança e o Mundo em Mudança

JOÃO GOMES-PEDRO

Resumo

O A. elabora uma reflexão sobre as transformações no mundo contemporâneo com as repercussões na criança. Esta reflexão identifica-se com uma investigação sobre os modos como a criança pensa e sente.

O A. faz o leitor imaginar algumas tríades interactivas para depois abordar a problemática do «still-face» usado, também, nalguns dos seus estudos.

O escrito termina com a narração de uma pequena história em que o A. evoca, mais uma vez, os efeitos do não investimento afectivo no desenvolvimento e comportamento infantil.

Abstract

The A. reflects upon the changes in the world of today and their consequences for the child.

This reflexion can be identified as a research on the ways in which children think and feel.

The A. makes the reader imagine a series of interactive triads, and then discusses the «still-face» method, which was also used in some of his studies.

The paper ends with a small story in which the A. considers, once more, the effects of lack of affective investment on the child's behaviour and development.

A premissa imanente ao título deste artigo é a de que o mundo está em mudança.

Em função desta premissa, sinto como desafio o ter de equacionar as relações que a criança estabelece com o seu mundo em mudança, sendo subjacente à formulação, o considerar os eventuais efeitos de tal combinatória.

Começarei pelo subjacente da premissa.

É um lugar comum dizer-se que o mundo está em mudança. De facto, está.

Anteontem, reflecti em coisas acontecidas, todas num mesmo dia e que são testemunho deste mundo em mudança. No meio dessas coisas, senti a criança, porventura, nalguns episódios, a criança que eu já fui...

Escrevi esta reflexão, num dia em que parti para os Açores, no último avião do dia, porque quiz acompanhar a celebração da jubilação de um dos meus mestres. Fernando de Pádua (é ele o Mestre), deu a sua última lição a que chamou «2007». Nela a antecipação de um futuro, porventura ainda com mais mudanças do que as que vivenciou durante uma vida cheia de desafios e também de sucessos.

Fez-me impressão pensar em dois mil e qualquer coisa porque, de facto, num só século as mudanças foram enormes.

Estava calor quando cheguei a S. Miguel. O mundo está, de facto, a aquecer e isto é um sinal do mundo em

mudança que obriga a mudar o ritmo da minha vida. Tenho que usar o ar condicionado, constipo-me mais vezes e, também, tenho menos vontade para usar gravata que é uma das quase obrigações académicas na minha Faculdade.

Simultaneamente, com o aquecimento do globo, as águas sobem e a praia ao pé da minha casa está a desaparecer, o que me causa alguma ansiedade. Todavia, isto é nada, comparado com o que a criança vivencia neste mundo em mudança.

No mesmo dia, anteontem, de tarde, vi o meu neto Tomás porque, para além de avô, sou o pediatra dele. Ele já tem dois anos e meio e é filho único.

Há um século atrás as famílias tinham, em média, quatro a cinco filhos. Tomás ficará filho único ou, provavelmente, terá mais um irmão ou uma irmã.

Há um século atrás na maior parte das casas não havia luz eléctrica; as famílias aqueciam-se perto de fogões de lenha, na sua maioria comiam na cozinha à luz de candeeiros de petróleo e, depois do jantar, todos os membros dessas famílias ficavam em círculo à conversa, partilhando as crianças das histórias contadas, ao detalhe, pelos mais velhos, com a aprovação e por vezes benção duma figura patriarcal.

Tive o privilégio de viver este ambiente, quando fui criança, na minha terra beiroa.

Infelizmente, o Tomás já não terá a oportunidade destas vivências.

Naquele mesmo dia, Tomás, entre os brinquedos, mostrou-me como maneja, na perfeição, o vídeo, o leitor de CD, o gravador de cassetes, eu sei lá o que mais na tecnologia que o envolve. Fá-lo muito melhor do que eu!

Disse-lhe que ia para o aeroporto e ele imediatamente acrescentou à conversa a palavra avião.

Já dentro do avião, tudo ocorreu numa sucessão natural e rápida de factos como num autocarro, como num snack-bar. Tudo quase automático. Tudo menos as minhas emoções.

Neste mundo em mudança quase perfeito, comandado por botões, entre as muitas emoções que vivencio, tenho medo de andar de avião.

A par de todas as novas tecnologias reparei que as nossas emoções são, imagine-se, extremamente dependentes das emoções dos outros, sobretudo dos outros significativos.

Houve trepidação a meio do voo com alguns safanões. Imediatamente, eu e a minha filha Joana procurámos a face da hospedeira mais próxima tentando prescudar as suas emoções. Tranquilamente, ela servia um copo de qualquer coisa a um passageiro da frente o que, imediatamente, fez desaparecer a nossa ansiedade.

Qualquer subtil crispação do seu facies teria transformado o nosso stress em pânico.

Daí a pouco, inspecionei o programa das Jornadas que motivaram a minha viagem e reparei que não estava agendado falar-se de emoções.

Olhei para a Joana, voltei a olhar para a hospedeira, voltei a pensar no que tinha acabado de ver, uma hora antes e apeteceu-me escrever sobre empatia.

Entre outras coisas, é a empatia que nos desperta o senso moral que, entre outras coisas, nos faz recusar ir aqui e acolá mas nunca, no meu sentir, deixar de vir aos Açores...

Voltei a pensar na consulta em que observei o Tomás. Estetoscópio frio, espátula na boca, mão na barreira, etc., crispado, aguentou-se sem uma lágrima.

No fim, quando viu que estava acabada a consulta, disse-me assim: «*O avú* (que é como ele me chama) *tira o doi-doi ao Tomás – obrigado avú!*»

Aos dois anos e meio, descobri-o anteontem, já pode haver desenvolvimento moral o que, creio eu, nasce das emoções, da empatia e de qualquer coisa mais que vou tentar escrever, com emoção, desta terra perfilhada.

Imaginem um bebé recém-nascido, ao colo da sua mãe, à laia de quadro inspirador desta leitura.

O bebé, também, está sempre concentrado na emoção.

Dir-se-á que olha preferencialmente os lábios e os olhos da mãe, tentando absorver cada movimento,

porventura traduzido em som, em riso, em ternura. Segundo a segundo, cada mímica desdobra-se e transforma-se para dar lugar a uma outra expressão que o outro, à vez, exige, para que não pare o fluxo, para que não acabe o encanto.

Não se sabe quem comanda o jogo, quem influencia quem. Sabe-se sim, que o jogo, em diferentes fases, tem um crescendo que leva ao extase, à exaustão, à pausa que é restauro da magia para que se ganhe energia para outro encantamento, para outro episódio da paixão.

O jogo interactivo mãe-bebé é um jogo de amor.

O projecto do bebé é um projecto relacional, é um projecto de amor.

A imaturidade com que nasce o homem e a competência que revela logo ao nascer para este projecto de sintonia, constitui o que para alguns é equívoco ou, porventura, contradição.

Para Prechtl, que tão bem e aprofundadamente estudou os movimentos fetais e a sua correlação com a actividade motora pós-natal, o padrão desses movimentos nos primeiros dois meses de vida extra-uterina não é mais que a continuidade de um reportório pré-existente, programado, repetido ⁽¹⁾.

Quer dizer, para Prechtl e para muitos outros investigadores, a adaptação à vida, em termos de independência motora, quiçá social, surge tardiamente como que sugerindo que, de facto, a nossa espécie nasce com um estigma de imaturidade social, qual solução para o facto do nosso sistema nervoso central de seres superiores condicionar um aumento tal do tamanho das nossas cabeças que um canal pélvico, mesmo assim adaptado ao longo de milénios, não consegue alargar o q.b. de modo a garantir, com mais tempo, a maturidade adaptativa que, por exemplo, os nossos parentes macacos exibem e disfrutam.

Como conciliar esta inequívoca imaturidade com a competência, com o rigor, com a excelência deste desempenho que representa, de facto, não só um projecto de amor mas, sobretudo, uma já certeza de aptência e propensão para o encontro, para a adequação, para a contingência?

Onde está a coerência desta aparente ambiguidade? Como encontrar a entre-linha que explique o paradoxo?

Será esta a expressão da vulnerabilidade da nossa espécie?

Para que mundo e para quê nesse mundo está destinada a criança?

Se é que o mundo está em mudança, será nessa vulnerabilidade ontogénica que a mudança age?

Não paráramos de questionar se o nosso atrevimento filosófico ousasse fazer prosseguir o debate. O problema, porém, colocado no propósito deste escrito é, por demais pertinente e obriga-nos a reflectir como clínicos e investigadores, arremessando-nos o desafio de nos assumir-

mos, aqui e agora, como pedagogos, de modo a fazer apetecer a reflexão e, assim, partilharmos o prazer de recriarmos o que se mantém e manterá como mistério da vida; o que sente a criança? o que pensa ela sentindo?

Foi Pessoa que escreveu – «o que em mim sente está pensando» antecipando, assim, de quase um século todo o fantástico das Neurociências de hoje projectadas na dialéctica que envolve a inteligência emocional.

O mapa emocional do nosso desenvolvimento será, de algum modo, o paradigma da nossa natureza, conferindo significado a cada gesto e à infinitésima mudança de cada olhar.

O que estará sentindo o bebé que voz fiz imaginar, apenas, por exemplo, com catorze dias de vida?

Sentirá este bebé qualquer mudança de mundo ou do mundo?

Fará sentido para este bebé alguma mudança que não a da emoção transpirada em mais um Ah! ou em mais outro suspiro ou em mais ainda outro sorriso escancarado ou em qualquer outro pestanejo sem serem precisas palavras, explicações ou pormenores?!

As mudanças das expressões que dão sentido ao projecto, ao jogo, à paixão, são projecções de contingência.

Elas surgem-nos como óbvias, como irremediavelmente naturais, instintivas, apetedidamente conformes a uma expectativa que ela própria é programa, é projecto.

É este o desenvolvimento da empatia que vos descrevi na minha introdução!

O que é que acontece com a mais subtil mudança que não é pressentida como contingente? O que é que acontece com a expectativa gorada, frustrada?

É extraordinária, na pessoa humana, a evolução que vai desde a descoberta do outro significativo até ao desespero que acontece com a frustração do sentimento.

Para este bebé, este outro alguém que está em frente dele é alguém que ele não sabe quem é. Ele não sabe que esse alguém é a mãe, que é a sua mãe.

Ele só sabe que é alguém que cumpre expectativas que vêm bem de trás.

Ele só sabe que é alguém que joga bem um jogo de que não sabe as regras mas sabe que sabe bem.

Ele só sabe que é irresistível a tentação de jogar esse jogo e que é em função desse jogo que lhe faz sentido tudo o resto que vem a seguir – comer, dormir, chorar, aprender.

Ele, bebé, só sabe que a energia de que carece para prosseguir os vários jogos em que se vai envolvendo e, sobretudo, a energia de que precisa para não mais parar de aprender, vem daquele saber bem e da certeza de que tudo bate certo, em cada milésimo de segundo, em cada instante que está contra a outra pele, face ao outro olhar, em cada gesto, em cada suspiro respirado.

O que é que acontece quando não se sabe o que não bate certo?

Apreendam o inverosímel.

Imaginem termos pedido à mãe do nosso bebé imaginado que, por um breve instante, «furasse» as regras do jogo, isto é, que deixasse de jogar a paixão, que tentasse não responder ao seu instinto a par da outra sua verdade que eram os apelos do seu bebé.

Imaginem o descalabro.

O bebé, qual artista naïf num museu clássico ou qual violino desafinado em orquestra sinfónica, faria a única coisa que a sua natureza lhe sabe ditar – parar surpreso! Tal como o pintor deixaria de pintar, tal como o músico pararia de tocar, o bebé parou de transaccionar sentimento.

O que é que aconteceu?

Por brevíssimos instantes o paradoxo como que continua. É a surpresa, a frustração e o caos imanente.

Não é possível! Isto não faz parte do projecto! Eu não quero ver! – Diria o bebé, se falasse.

Mais um centésimo de segundo e seria o choro, o descalabro!

Imaginem, ainda, termos pedido à mãe que reiniciasse o jogo, isto é, que recomeçasse a fazer o que lhe apetecesse, isto é, que restaurasse a magia.

Ainda de olhos fechados mas pressentindo, a partir de um breve som, o retorno da paixão, do encanto, o bebé sorri, contingentemente.

Afinal, fora só um pesadelo! Um engano qualquer o tem!

No centésimo de segundo seguinte, o jogo só poderá ser este! A reposição do jogo interactivo, a magia, o projecto, continuados! «*Afinal foi para isto mesmo que eu nasci*» Diria o bebé!

O que aconteceu, imaginado, foi o reviver de um curtíssimo episódio de uma investigação sobre «*still-face*» que, dolorosamente primeiro, com felicidade depois, fomos cumprindo durante segundos em cada par porque, entretanto, descobrimos o fantástico que é para algumas mães a descoberta do quanto são importantes, direi imprescindíveis para os seus bebés!

O «*still-face*» reproduz, afinal, a depressão da mãe, a frustração interactiva, a não responsividade ao apelo, a não contingência ao sentimento.

Não será esta a face de um mundo em mudança quando o stress substitui o silêncio, quando a ansiedade ocupa o espaço da paz, quando o desespero preenche o tempo da fé?

Como é o jogo do sentimento nas mães tóxico-dependentes, nos pais alcoólicos, como é o jogo nos sem-projecto, nos sem-paixão?

Aquele pequeno equívoco ontogénico carecerá que bata certo, atempadamente, nos primórdios do ser, para poder dar sentido ao projecto.

Chamamos a este sentido a lógica da contingência.

Será esta a força da nossa espécie que, quando é força, assumida contingentemente, nas relações significativas, dá a coerência à vida.

É também a isto que chamamos de Resiliência, porque é esta força que pode resistir às mudanças que aniquilam o sentido de pertença e com ele, a auto-estima, o encantamento, a magia, o projecto.

É, de facto, ao nosso substracto de alma, aglutinador das forças e das múltiplas sensações, percepções, expectativas e sentidos implicados no nosso eu, nas nossas relações que eu chamo de resiliência.

É sobre este substracto que representa o mistério do nosso sucesso ou da nossa vulnerabilidade, modulado em múltiplas variações, quais andamentos de uma sinfonia, que se organizam os nossos comportamentos quotidianos.

Acredito profundamente que este substracto, o nosso tal estado de alma, se alicerça no sentimento que fazemos, quando bebês, da relação construída com aqueles que sentimos serem os nossos significativos.

Dito de outro modo, desde muito cedo, aprendemos serem eles os muito nossos, únicos e, por isso, insubstituíveis. É neste sentir que descobrimos o nosso primeiro estado de paixão o qual marca, de modo tão sensível, todas as nossas paixões posteriores.

Todas as teorias da vinculação o dizem embora de modos diferentes e é a sensação do como e quanto nos sentimos amados quando somos pequenos que marca e influencia o modo como nos vinculamos aos sucessivamente outros da nossa vida.

O modo como sentimos ser mais ou menos forte, adequado muito ou pouco, mais ou menos nosso o vínculo, isto é, o modo como nos sentimos mais ou menos amados ou ainda, a forma como sentimos que por sermos especiais regulamos os nossos próprios estados de alma e os daqueles que comunicam connosco e nos fazem sentir-nos únicos, é isto que nos faz gostar de construir resiliência, por cima do substracto natural que a predispõe.

Como é que se constroem, ainda, estes nossos estados de alma que inspiram todos os nossos sentimentos e as nossas relações preferenciais?

Tal como se interroga Stern, qual será a paisagem subjectiva das nossas primeiras relações ou seja, qual será a arquitectura básica da teia que organiza e estrutura todos os fios que as nossas relações sucessivamente tecem? ⁽²⁾

Toda a gente constroi fantasias sobre os fundamentos do seu mundo relacional e, de um modo especial, sobre a vida subjectiva do bebé, particularmente no modo como organiza os seus vínculos preferenciais.

A comunicação na vida interrelacional do bebé é o objectivo último de todo o seu plano energético.

A interacção será, de facto, para o bebé, o grande espectáculo de «son et lumière» que quer repetir, infinitamente, apaixonadamente.

O bebé é, simultaneamente, espectador, actor e técnico. Ele é capaz de desmontar toda uma sequência em pequenas unidades que cada uma, por si só, no contexto de um todo, lhe dá um sentido e o faz sentir.

O ritmo e a melodia do fluxo dessas pequenas unidades fornece-lhe a música que ajuda ao sentido, chame-mos-lhe contingência da comunicação.

Não importa ao bebé se a interacção se decompõe em unidades predominantemente visuais, tácteis ou auditivas.

O que importa ao bebé, sobretudo, é transformar cada estímulo ou cada sequência interactiva em sentimento o que, no nosso ver, tem um significado que transcende o do próprio afecto.

Será se se quiser, um afecto que o bebé orienta para uma contingência.

O bebé confronta os seus sentimentos com os seus estádios e procura, na interacção com o outro, o sentido de contingência desse confronto. Para isso ele modela esses seus estádios e será paradigmática a modelação do seu estádio de alerta com o objectivo de não perder uma só fracção do sentido do fluxo, tendo em vista, sempre e sempre, a procura duma contingência.

A vulnerabilidade, ou seja, a não resiliência, é suposto não ser mais do que o somatório das não contingências e, a partir daí, eventualmente das desistências.

Nunca vi um bebé feliz sozinho.

A alegria de um bebé é qualquer coisa que deriva de uma partilha. É um estado de alma que provém de uma regulação que é mútua e que o bebé sabe pertencer a dois sistemas que mutuamente se regulam.

É a missiva interactiva que fornece ao bebé o sentimento de felicidade que ele, então, exprime do modo como só ele sabe e nós não nos cansamos de descobrir. É extraordinário que esta capacidade de transformar acontecimento em sentimento faz parte de uma das competências que só muito recentemente passámos a descobrir no bebé.

Trata-se da capacidade do bebé fazer representações de objectos e de factos para além das formas ou de qualquer outro reconhecimento físico.

Imaginem um bebé de poucas semanas a quem estamos a dar um biberão. O bebé está de olhos tapados; depois da refeição, mostramos-lhe o biberão que ele utilizou mas que não viu, ao lado de outro biberão que ele não utilizou e que tem uma forma completamente dife-

rente. O bebê olha preferencialmente para aquele que estava na sua boca mas que, de facto, não viu.

Estas são as representações supermodais que se identificam muito de perto com os sentimentos.

Das múltiplas variantes da sua vida exterior, o bebê selecciona e distingue o que lhe vai fazendo sentido de forma a resolver, passo a passo, o puzzle da sua ordem sentimental.

Esta regulação faz-se a cada passo, no quotidiano da vida do bebê e ela representa, de certo modo, o «pace-maker» da sua resiliência.

Retomando a imagem da refeição, imaginem ainda que o bebê está com fome que é um estado crítico porque é um estado que exige uma regulação perfeita porque ela tem de ser mútua, urgente e tem de ser contingente face às múltiplas variantes de exigência que uma situação de alimentação comporta e implica.

Após um ou dois minutos em que o bebê começa a saciar a sua fome, a regulação é tal que o bebê praticamente não olha, não mexe, não sinaliza senão a satisfação de ter resolvido um estado crítico que era a sua fome.

Ao fim de mais uns minutos, imaginem que o leite não está a passar tão bem pela tetina. O bebê começa, então, a revelar sinais de impaciência, começa a olhar para o lado, a ter movimentos mais incoordenados e não há dúvidas então, para a mãe, que o bebê ainda tem fome, ainda não deu por finda a sua refeição e que o que demonstra são sinais inequívocos de desregulação.

A mãe bascula então um pouco o biberão. Se não resultar começa a falar, combinando, porventura, uma linguagem não verbal com duas ou três expressões verbais.

Psh, Psh, Psh, então bebê, então ainda tem fome?

O bebê suspira, tenta anichar-se um pouco mais e ganha então forças para mais umas salvas de sucções.

A melodia é recriada, a orquestra repõe a harmonia nos acordes mas o que não se sabe é quem é o maestro. Serão porventura dois os maestros, dirigindo cada um, à vez, a orquestra, cumprindo mutuamente o sinal do outro dado pela batuta mágica de uma comunicação de afectos.

Poderão ser agora as cordas para depois serem os sopros ou vice-versa. O que interessa é que a harmonia se mantenha, constantemente, continuamente.

Encontro enormes semelhanças entre a música da interacção mãe-bebé e a produzida por muitos dos grandes compositores.

O tema de fundo é repetido vezes sem conta, as variações existem na medida sensível da reposição do fluxo, da harmonia, a força aqui e ali feita de instrumentos afins é a ordem que se sente indispensável na condução da harmonia.

Nós fazemos com a música o que o bebê faz perante cada trecho interactivo conduzido pela mãe. O bebê transforma cada trecho, tal como nós, em sentimento, em estado de alma.

Se houver, entretanto, qualquer desregulação, a mãe ensaiará novas estratégias.

Pegará por exemplo na mão do bebê e envolve-a com a sua. Fará, ainda, eventualmente, movimentos suaves com a mão e um pouco com o corpo. Poderá acompanhar esta dança com a música de algumas palavras – Então bebê está outra vez com fome?! Não pode ser, isto não pode ser! Mas que grande comilão!

A dança do movimento combina-se com a melodia da palavra num andamento que só os dois sabem que tem de ser esse e não qualquer outro. De modo nenhum!

Imaginem agora um outro bebê, também a uma hora de refeição, mas que, por qualquer razão, entende que não quer comer! Morde a tetina e recusa-se a chupar, a deglutir. Olha para a mãe provocatoriamente e até parece mostrar um certo prazer a cada novo sinal de irritação da mãe.

– Não, já disse que não, isto não é para morder, isto é para comer! Ai! – A resposta é uma nova mordidela na tetina ainda mais forte do que as anteriores.

– Eu disse não!

Nada! O bebê olha, provocador.

A mãe então deixa o ar colérico, a cara abre-se contemporizadora e diz então palavras de zanga, porém, envolvidas numa melodia de encitamento e de ternura.

– Eu disse não ao bebê, que isto é para comer e não para morder!

O bebê olha a mãe com ar triunfante mas ainda morde a tetina mais uma vez.

A mãe diz então definitivamente rendida: – Pronto, isso é bom não é?! Está bem!

O bebê olha de novo a mãe, sorri e começa a chupar.

A mãe identifica e mede a força subjectiva do bebê, tenta regulá-la, mas rende-se a ela!

Tenho tentado descrever algumas das forças do desenvolvimento porventura ainda pouco esclarecidas ou reflectidas.

Para mim é apaixonante esta força imensa do bebê que o faz transformar as mensagens da comunicação em estados de alma.

O bebê funciona como os adultos em estado de paixão. Não interessa se a comunicação é oral ou não verbal em qualquer das suas expressões – gestual, táctil, multisensorial.

O bebê reage ao fluxo, ao ritmo, à sequência temporal, à melodia, ao envolvimento, à força e, sobretudo, à sintonia, isto é, à contingência das nossas respostas aos

seus estímulos anteriores, ao seu próprio modo de comunicação.

Mais que ao conteúdo, o bebê reage ao perfume, à melodia, ao sentimento que transpira de cada trecho da comunicação.

Imaginem agora a ilógica, o absurdo da assintonia que o bebê pode viver e vive em muitas das suas interações.

É o que se passou com o trecho de «*still-face*» que convidei a imaginar e é o que se passa com a mãe deprimida, com a mãe desatenta, ansiosa, etc., que agora, repetidamente, as expectativas do bebê, causando-lhe o abalo que já imaginámos.

É por isso que o bebê reage em desespero a este absurdo e para um bebê a única consequência possível para este absurdo representado pelo «*still-face*» é o descalabro na sua organização e no seu controlo.

O «*still-face*» é, para nós, a demonstração mais violenta, pela negativa, dum das forças mais expressivas do desenvolvimento humano e que é precisamente a sua propensão para a interacção e para o relacionamento com alguém, preferencialmente significativo.

Muito diferente do absurdo que já viram é o jogo da finta na comunicação que a mãe utiliza de modo tão frequente e tão espectacular, com o seu bebê.

Imaginem esta sequência muito simples e, espero, também muito sugestiva.

A mãe brinca com o seu bebê. O bebê, na sua exploração, mete a mão na boca da mãe. A mãe utiliza esta exploração como oportunidade de jogo.

– Eu papo a mão, eu papo a mão, eu papo a mão.

Esta comunicação verbal, ritmada acompanha um movimento do corpo e da boca na direcção da mão do bebê.

Após a terceira repetição o bebê, já excitado, fica à espera, na ordem sequencial já experimentada, da terceira vez «eu papo a mão» e, conseqüentemente do novo movimento da boca da mãe para a sua mão. Nessa altura, porém, a mãe viola a sequência e a expectativa – eu papo a mão, eu papo a mão,, eu papo a mão.

O bebê, perante a violação do timing sequencial, constroi hipóteses e fica pronto para a nova violação.

Os bebês adaptam-se rapidamente a estas pequenas violações, sobretudo se as identificam logo como jogo. O bebê está, de facto, preparado para o jogo, para brincar. Brincar é o grande desafio para a imaginação do bebê e, sobretudo, para a aprendizagem da adaptação.

São estas, também as forças do bebê.

Voltemos ao jogo. O bebê está pronto para a violação após a terceira «eu papo a mão» e fica à espera dum intervalo maior. Porém, a mãe volta a violar a expectativa.

– Eu papo a mão, eu papo a mão, eu papo a mão!
A mãe repôs o ritmo inicial.

O bebê ri-se, entrou no gozo do jogo, pede mais, fica mais atento, porventura ainda mais contingente na interacção com a sua mãe.

Este é o envelope proto-interactivo que se repete de cem mil maneiras, em cada dia, nas infinitas oportunidades de comunicação que o bebê tem com a sua mãe, com o seu pai, com os seus irmãos e avós.

Eu creio que é por aqui que o bebê aprende a ter e a fazer humor. Eu julgo que os homens (e as mulheres, claro) se dividem só em duas categorias: os que têm humor e os que não o têm.

O humor é parte do perfume que ajuda a construir o sentimento.

Os alicerces da resiliência de cada um têm muito a ver com estas oportunidades de humor que garantem o sentimento do acerto e fazem a contingência da alma.

Deixem-me voltar a uma das emoções – o medo – que eu identifiquei logo na introdução a propósito da minha viagem de avião.

As reacções que o bebê já evidencia perante o stress, na segunda metade do primeiro ano de vida, representam aquilo que os antropologistas chamam de medos sociais. Estes medos ou reacções de alarme – terminologia com que os puristas do stress melhor se identificam – são hoje melhor conhecidos como expressões representativas dos vínculos preferenciais.

Apelidada de situação estranha, a simulação laboratorial do stress consiste na construção artificial de oportunidades em que o bebê ora fica só ou se confronta com um estranho ou ainda, pode ser colocado perante representações de depressão na mãe.

Estas situações foram desenvolvidas e experimentadas pela primeira vez pelo psicólogo Jean Arsenian e, mais tarde, investigadas por Mary Ainsworth⁽³⁾ e seus pares, tendo como objectivo principal o propósito de testar a teoria da vinculação de John Bowlby⁽⁴⁾.

Nunca será demais recordar que Bowlby interpretou primeiramente a ligação mãe-filho como uma adaptação num contexto de evolução, adaptação essa destinada à profilaxia do afastamento materno, nomeadamente e principalmente, em função dos predadores.

Numa interpretação antropológica, também evolucionista, o medo ou a angústia da separação, serão, do lado do bebê, a representação da outra face do amor.

Para os nossos antepassados, terá tido sentido a figura dos caçadores-predadores enquanto que, para um mundo em mudança a predação representará o assalto ao vínculo expresso esse assalto pelo stress, pela violência, pela ruptura familiar, pelo apagamento das identidades e, sobretudo, pela contínua perda de oportunidades em cons-

truir laços o que é patenteado por uma sistemática e progressiva menor atenção dos cuidados primários – tanto de Saúde como de Educação – para os tão decisivos primeiros tempos de vida.

Para Ainsworth, existem, basicamente, três tipos de bebês (A, B e C) de acordo com as suas reacções quando do reencontro com as suas mães após uma separação experimental vivida em laboratório.

O grupo B de bebês é o mais prevalente.

Estes bebês são os que, quando do reencontro, evidenciam prazer com a suspensão da frustração, prazer esse expresso por sinais de comunicação física, visual ou sonora. Estes bebês foram classificados como de vinculadamente seguros ou confiantes.

Os bebês A, chamados de inseguros, como que ignoram as suas mães quando do reencontro, embora alguns possam exibir algum comportamento de procura de proximidade.

Os bebês do grupo C combinam angústia e rejeição com algumas tentativas para reestabelecer o contacto com a mãe quando do reencontro e, de acordo com todos estes comportamentos, foram chamados de resistentes ou ambivalentes.

Estas três categorias que agrupam os comportamentos mais relevantes da «Situação Estranha», foram sistematicamente reencontradas e identificadas com fiabilidade em estudos posteriores que, sucessivamente, revisitaram a situação experimental do reencontro.

O que permanece como controverso é o que, de facto, é medido ou avaliado pela «Situação Estranha». A expressão de cada modalidade – A, B e C – será a da vinculação propriamente dita ou, apenas, a representação de alguns aspectos contidos ou garantidos pela relação primeira?

Os bebês B assumidos como tendo uma vinculação segura ou de confiança (se quisermos visitar aqui a menção Ericksoniana), contrastam com os bebês A e C assumidos como portadores de uma vinculação insegura. Qual o significado potencial desta semiologia num contexto de desenvolvimento em que, cada vez mais, entendemos esse desenvolvimento como um processo de elaboração individual que se transacciona continuamente no envolvimento com os outros?

Neste envolvimento, entende-se que uns serão mais, outros menos significativos mas cada um tendo a sua própria expressão de segurança nos seus sistemas de vinculação ou seja, nas relações que estabelece com a circunstância de si próprio e de cada outro.

No nosso estudo, em que introduzimos o «still-face» como modalidade da situação estranha, os bebês do nosso grupo experimental que, de acordo com a nossa hipótese, terão beneficiado com a intervenção feita às suas

mães, no seu terceiro dia de vida, manifestaram comportamentos de menos prazer e menos afecto (através das suas expressões faciais) quando do reencontro com as suas mães. Quer dizer, ter-se-ão comportado não como bebês B mas mais como bebês C, na classificação proposta por Ainsworth.

A realidade traía, por completo, a expectativa.

Este é o desafio e o prazer da investigação!

No nosso entender, esta expressão comportamental não deverá ser entendida como sinal de uma pior qualidade interactiva mas até, pelo contrário, será reveladora de uma maior sensibilidade ou receptividade face ao observador que se confronta com uma expectativa.

Os nossos bebês do grupo experimental, terão ficado mais perturbados pela ruptura das regras interactivas que, supostamente, faziam parte de uma lógica contida nos seus modelos de organização interna.

Visto de outro ângulo, estes bebês estariam mais disponíveis e atentos face às modalidades comunicativas das suas mães e, também, à sua própria capacidade e competência em serem parceiros significativos de comunicação. Neste contexto se compreenderá a sua maior perturbação face ao que, para eles terá sido assimilado como absurdo e inesperado.

Podemos, porventura, conceptualizar que, ou o «still-face» determina outras modalidades de resposta distinta da «Situação Estranha» original, ou que as classificações inicialmente propostas serão elas próprias ambivalentes face às transacções possíveis, eventualmente ainda não totalmente reconhecidas, nomeadamente a partir de situações também ainda só experimentais como é o caso do nosso estudo centrado numa intervenção precoce.

Um aspecto extremamente interessante que resultou da proposta de Ainsworth é a predictabilidade desta nova expressão semiológica.

É que, de facto, a ser verdade, o silogismo será este: – Boa contingência hoje, boa vinculação amanhã!

É claro que teremos que ser muito flexíveis e cuidadosos numa interpretação profunda desta premissa, sobretudo quando vivemos num mundo em mudança.

Todos conhecemos o que são as expectativas maternas face ao bebé sonhado e todos conhecemos o que significa o confronto, por vezes tão penoso, entre a fantasia e a realidade.

Esta é a outra face dum mundo em mudança.

Um dos grandes desafios que é hoje enfrentado por jovens pais, que vivem com ansiedade e alguma frustração o nascimento do seu filho, é esta desadequação associada à impreparação que sentem para fazer face ao desajuste e, por vezes, ao desencanto.

Com a redução da natalidade e com a divulgação actual, feita pelos media, de tudo que é psicológico e

envolve os cuidados à criança, cada filho cobre-se de ouro e precipita a grande questão na mente dos seus pais: «Somos nós capazes e competentes para criar este bebé, este nosso filho?!... Toda a gente sabe tantos e nós só sabemos que não sabemos nada...»

Assumamos alguns exemplos de desadequação: os bebés difíceis, aqueles que continuamente choram mais do que estava na expectativa das suas mães, os que se consolam com mais dificuldade do que porventura era fantasiado, os que «aguentam» o alerta menos do que o sonhado, enfim, os bebés «difíceis», exasperam as suas mães, podendo levar a cuidados mais inadequados e impróprios e, também, a uma vinculação mais insegura ou seja, de menos confiança.

Talvez por isto, o «still-face» nos bebés que tiveram a oportunidade da intervenção precoce que criámos no nosso estudo, terá, porventura, mergulhado mais fundo no temperamento de cada bebé e terá feito, assim, «explodir» de algum modo, mais ressentimento do que se poderia esperar em função dos outros resultados que aquela nossa intervenção induziu.

Precisamos, porventura, de mais modelos e de outros instrumentos para ir mais fundo na avaliação deste mistério que está contido nas relações interpessoais, sobretudo nas supostamente significativas.

A problemática da importância das primeiras relações é assumida hoje como crítica para o estabelecimento de estratégias interventivas por parte dos profissionais de saúde e educação que sintónica e conjuntamente estão preocupados com a prevenção dos riscos e com o atenuar das vulnerabilidades, num mundo que, de facto, está em mudança!

A nossa espécie pertence ao grupo dos animais classificados como primatas diferenciados e que inclui, além de nós, os macacos, os chimpanzés e os gorilas.

Quase todos demonstram comportamentos de cuidado e de ternura para com as crias, numa primeira fase do seu desenvolvimento, e é manifesto que o vínculo criado é bilateral, é forte e é crescentemente progressivo ao longo dos primeiros tempos de vida.

A privação ou deterioração experimental provocada em macacos ou chimpanzés, já que por razões éticas só neles é viável induzir aquela privação, leva a manifestas alterações do comportamento das crias, quiçá mesmo grotescas formas de conduta. Todos conhecem a hiperagressividade de chimpanzés que foram privados de pequenos timings de contacto com as suas mães, hiperagressividade essa combinada com comportamentos de auto-embalamento, auto-mordedura e, mais tarde a incompetência sexual e negligência parental.

O que provaram os estudos nestes animais e sublinharei os efectuados por Harlow ⁽⁵⁾ e Hinde ⁽⁶⁾ é que a

intrusão expressa por uma intervenção perturbadora da relação mãe-filho, intervenção esta assumida como variável independente, conduz a efeitos desastrosos na relação e nos comportamentos individuais.

A droga, o stress, a depressão, o «still-face», padronizados em muitos que já não aguentam este mundo em mudança, não corresponderá aquela perturbação experimental que Harlow induziu nos macacos?

Para acabar, não resisto a narrar uma história passada nos anos 30 e que marca, para mim, o início da viragem num mundo científico em mudança ao qual, supostamente, todos os leitores pertencem.

É a história mais dramática que eu conheço e foi protagonizada por um profissional, herói dum quotidiano porventura igual ou semelhante ao de cada um de nós.

Chamava-se este nosso herói Harold Skeels.

Tratava-se de um psicólogo recém-formado que arranjou o seu primeiro emprego num orfanato especificamente dedicado a receber crianças sem pais ou sem vínculos e que ali estavam para serem seleccionados para adopção. Naquele tempo, nos EUA, as crianças com danos biológicos ou psicológicos graves não eram seleccionadas e, por isso, não podiam ser adoptadas.

Harold revelou desde o princípio ter um espírito acutilante capaz de identificar diferenças de estar atento a essas diferenças quando circulava pelas salas frias da sua instituição, porventura não menos frias que as das nossas salas de aula, dos nossos centros de saúde ou dos nossos hospitais.

Harold reparou em dois bebés, do sexo feminino, que tinham sido abandonados pelas mães e foi-lhe despertada a atenção para o seu ar desnutrido, pálido, para o seu cabelo fino, sem cor, para o seu ar de infinito, para o seu balançar constante, para o seu choro sofrido.

Avaliou aquelas duas meninas com idades cronológicas de 16 e 21 meses e constatou que a sua idade de desenvolvimento era apenas de seis meses.

Com este estado de deterioração do seu desenvolvimento não puderam ser seleccionadas para adopção.

Assim, foram transferidas para uma instituição de senhoras com grande atraso mental (era assim que nos anos 30 se apelidava o deficit cognitivo):

Harold foi visitá-las três meses depois e não quiz acreditar no que via.

Tinham um ar alerta, sorriam e interagiam com aquelas mulheres adultas que tinham uma idade mental aproximadamente entre 5 e 9 anos.

As meninas tinham sido «adoptadas» por duas daquelas mulheres. Elas passaram a ter o seu afecto, brincavam juntas, jogavam e conversavam.

Harold Skeels ficou ansioso, excitado! Voltou passados alguns meses. Dois anos depois, em nova sessão

de avaliação, aquelas duas meninas tinham uma idade de desenvolvimento correspondente à sua idade cronológica!

Por essa altura Skeels foi nomeado Director do internato de crianças e tomou logo a decisão de realizar uma experiência com a qual, estou certo, todos nos identificamos.

O que ele decidiu foi arranjar dois grupos de crianças, todas, sensivelmente, na idade do início de marcha.

No primeiro ele incluiu crianças com atraso, condenadas a não serem seleccionadas para adopção. Transferiu este grupo para o internato de senhoras com deficiência mental.

No segundo grupo, a que chamou de controlo, ele incluiu crianças da mesma idade mas com uma idade de desenvolvimento correspondente à idade cronológica.

Estas crianças, tal como estava destinado, continuaram no orfanato, aguardando adopção.

À partida, o grupo experimental tinha um QI médio < 64, enquanto que no grupo controlo, o QI médio era superior a 82.

O que é que aconteceu?

Repetiu-se o que tinha acontecido com as outras duas meninas.

Dois anos depois, os valores médios do QI nos dois grupos ficaram invertidos. As crianças do grupo experimental, entretanto, tinham sido também adoptadas por senhoras do asilo e subiram, em média, 30 pontos no seu quociente de desenvolvimento, enquanto que as do grupo controlo perderam sensivelmente o mesmo número de pontos, deixando então de ficar seleccionadas para adopção.

Cinco anos depois, 11 das 13 crianças do grupo experimental foram adoptadas por famílias da comunidade.

Em 1996 foi publicado um *«follow-up»* de 30 anos desta história. Dramático!

Do grupo experimental, como disse, 11 das 13 crianças foram adoptadas, 12 casaram, quase todas fizeram pelo menos o 12.º ano, tiveram 28 filhos com um QI médio de 104.

Sobre o grupo controlo é melhor não falar; a história trágica da deterioração nunca mais parou.

Nenhuma das crianças deste grupo foi adoptada, permaneceram em instituições com uma vida cada vez

mais degradada, o máximo que conseguiram foi a 3.ª classe, só duas casaram, resultando daí cinco filhos, alguns com atraso.

Creio que todos podemos postular que, se as crianças do grupo controlo pudessem ter sido «adoptadas» mesmo por pessoas com compromisso grave do seu desenvolvimento, teriam hoje um desenvolvimento normal.

A única coisa que investiu o destino foi um pouco de ternura, o q.b. que faz a diferença para se ter sentido de pertença e, a partir daí, sentido de coerência na vida, resiliência enfim.

Creio ser esta a bandeira que temos de hastear no nosso mundo em mudança.

Só mais um pormenor na história deste estudo e que nos deixará, provavelmente, mais uma vez sem voz.

Doze anos depois da sua publicação, há pouco mais de dez anos, a Universidade de Minnessota, resolveu conferir um grau honorífico a Harold Skeels, por tudo o que ele fez e trouxe ao mundo científico, em mudança!

O Dean que lhe entregou o diploma referente a esse grau, fez um pequeno discurso elogiando as qualidades científicas e humanas de Skeels. No fim, acrescentou o que disse ser um pormenor mas também mais uma razão especial para estar ali emocionado naquela cerimónia. É que, disse ele, *«Eu fui uma daquelas crianças que você salvou!»*...

Num mundo em mudança, tal como está a ser esta mudança, o que cada um de nós salvar faz a diferença, sobretudo se o que salvarmos for uma criança.

BIBLIOGRAFIA

1. Prechtl, H. Motility and posture in low-risk and high-risk pre-term infants. In: «Neurobiology of Development». Groningen, 1982.
2. Stern D. In: «O mundo interpessoal do bebé». Porto Alegre, 1992.
3. Ainsworth MDS. Attachment theory and its utility in cross-cultural research. In: Leiderman PH, Tulkin SR., Rosenfield A (eds). Culture and infancy: variations in the human experience. New York: Academic, 1977; 46-49.
4. Bowlby J. Attachment and loss (Vol. 1). Basic. New York, 1982.
5. Harlow HF, Harlow MK. The affectional Systems. In: Schrier AM, Harlow HF, Stollnitz F (eds). Behavior of non-human primates (Vol. 2). Academic. New York, 1965.
6. Hinde RA. On describing relationships. Journal of child Psychology and Psychiatry, 1976; 17: 1-19.